

Término de departamento universitário cria polêmica

SYLVIA NASAR

The New York Times

Em tempos de redução de verbas acadêmicas, os pequenos departamentos são o principal alvo dos cortes de custos nas universidades. Para os administradores da Universidade da Pensilvânia, por exemplo, o Departamento de Estudos Econômicos Regionais é o que deveria ser fechado em primeiro lugar. Apenas seis professores e 36 alunos de cursos de extensão universitária integram a equipe que estuda a economia de cidades, de Estados e de pequenos grupos de países.

Mas o plano de fechamento, que faz parte de uma ampla reforma, atraiu atenção incomum na área de ciências econômicas. Isso porque os economistas, que ignoravam quase tudo o que fosse menor ou maior do que uma nação, voltaram a dar importância ao estudo das regiões. As diferenças regionais parecem mais

intrigantes após uma década durante a qual os continentes da África e da América do Sul estagnaram, enquanto outras áreas, sobretudo a Ásia, progrediram.

O paradoxo reside no fato de que o departamento da Universidade da Pensilvânia, líder nesse campo, seja fechado exatamente quando a economia regional se converte no assunto do momento, não apenas nas salas de aula. Os economistas do governo Clinton, por exemplo, já afirmaram que a solução dos problemas de determinadas regiões talvez requiera mais do que a simples aplicação das diretrizes macroeconômicas em linhas gerais.

"Não existe outro departamento de estudos como esse no mundo inteiro", declarou Walter Isard, que fundou o Departamento de Estudos Regionais no fim da década de 50. À época, ele concluiu que os centros de estudos convencionais estavam, se tornando "teóricos demais".